

O DRAGOEIRO, DE CRISTIANE RODRIGUES DE SOUZAJayme Ferreira BUENO¹

Cristiane Rodrigues de Souza poderia ter sido mais uma das muitas e dos muitos poetas que surgem e que passam a cada momento na nossa literatura, mas não. Lendo os poemas de *O Dragoeiro*, percebe-se que ela é diferente e que veio para ficar. A sua poesia é outra, nova e renovada. Criativa, ela se solta, levada pelo som e pela escrita de seus poemas.

Com tons de erotismo, a poeta mostra que conhece os caminhos da poesia atual e, à maneira de Adélia Prado, pode afirmar que o amor é bom: *Depois do amor / nos meus braços ele dorme e sonha com a luz, o som, o ar...*, para ao final do poema confessar: *meu corpo comovido em suas mãos cria nele ritmo de noite quente / ele me prende / e me enreda e me leva como as ondas de Creedence*.

Cristiane Rodrigues Souza, em muitos poemas, escreve sobre a sua própria poesia, uma característica do Pós-Modernismo. Um exemplo é o poema “Prece à Árvore do Dragoeiro”, quando diz: *deu-me a flor como quem faz poesia sem querer*. A flor ofertada pela árvore, metaforicamente, passou a ser a própria poesia. De igual modo, a poeta pode oferecer poesia. Outro exemplo é o poema da p. 25, quando, ao se referir a um eu especial, dirige-se a si própria: *Cris, aquiete-se*.

Formalmente, o poema de Cristiane Rodrigues de Souza fica na indecisão entre a poesia em verso e a prosa poética. O que importa é que seus textos, de uma forma ou de outra, encontram-se impregnados do poético. Para usarmos termos da crítica estruturalista, podemos afirmar que a sua palavra, como toda palavra poética, quer mostrar-se a si mesma. A linguagem do poema torna-se espessa, própria da poesia, em oposição à linguagem transparente da prosa. Tal estranhamento é a essência da literariedade dos poemas de *O Dragoeiro*.

Afastando-se da crítica dos anos 60, pode-se afirmar que a poeticidade que brota dos poemas de Cristiane Rodrigues de Souza é própria da poesia do Pós-Modernidade. A poeta versa, com propriedade, a metalinguagem, a metapoética, tão emblemática da poesia atual, e busca, muitas vezes, apoio na intertextualidade para a sua escrita. Dessa forma, aparecem, explicitamente, em seus poemas, uma Itabira drummondiana, misturada a uma primeira estrofe à Cecília Meireles; como Sórora Mariana Alcoforado,

¹ Doutor em Letras/ Literatura Portuguesa pela USP. Professor de literatura – UFPR/PUCPR. Email: jybueno@terra.com.br.

que acreditava nas cartas de amor, a poeta acredita que *as cartas os afetos a poesia / os magos / existem*; percebe-se uma aproximação a Tchékov por certo realismo; pode-se ouvir a música da lira de Anfion da Tebas às avessas; o som de diferentes bandas de rock, que embalam a poeta em momentos de amor, e o ritmo de uma delas é como o andar de uma carroça; e percebe-se a poeta a tentar um olhar de personagem de Tarantino. De modo implícito, pode sentir-se a poesia de Mário de Andrade, em especial, de *Pauliceia Desvairada*.

Algumas palavras finais sobre o poema “Prece à Arvore do Dragoeiro”. Primeiramente, pode-se afirmar, embora seja temerário fazer-se qualquer afirmação sobre poética e poesia, que esse poema é o que desencadeia os demais. Pode ser, inclusive, que muitos deles sejam anteriores ao contato com tal árvore, na Ilha da Madeira, mas a seleção feita para a publicação nos leva a pensar em tal possibilidade. E complementando, na poética de Cristiane Rodrigues de Souza, a poesia é algo que se dá, é alguma coisa que se oferece de graça aos visitantes, mesmo aqueles que permanecem apenas um minuto à sua sombra, o tempo suficiente para se ler um dos poemas de *O Dragoeiro*. A poesia, para ela, é ainda algo que se desprende do poeta, como a folha se desprende da árvore, dada, gratuitamente.

Assim, sobre a sombra do lirismo de Cristiane Rodrigues de Souza, embalados pela música de sua poesia, quedam-se os leitores.

REFERÊNCIA

SOUZA, Cristiane Rodrigues de. **O dragoeiro**. Pref. Alexandre de Melo Andrade. São Paulo: Intermeios, 2012.